

Seres inventados: arte contemporânea e os questionamentos da ciência

Invented creatures: contemporary art and the science questioning

Jardel de Oliveira Miranda
Daniela Franco Carvalho

RESUMO

Esse texto aborda as possibilidades da arte contemporânea produzir questionamentos sobre a ciência e o fazer científico a partir de seres inventados. Descreve o contexto da disciplina de Ciências e Mídias no curso de licenciatura de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia e como as obras da exposição “Memento Mori” do artista Walmor Corrêa integram diálogos em aulas, em resenhas produzidas pelos estudantes e na criação de propostas didáticas em estágio supervisionado.

Palavras-chave: ciência, seres inventados, Walmor Corrêa

ABSTRACT

This text addresses the possibilities of contemporary art to produce questions about science and scientific practice based on invented creatures. It describes the context of the Science and Media discipline in the Biological Sciences degree course at the Federal University of Uberlândia and how the works of the exhibition “Memento Mori” by the artist Walmor Corrêa integrates dialogues in classes, in reviews produced by students and in the creation of proposals didactics in supervised internship.

Keywords: science, invented creatures, Walmor Corrêa

Introdução

Esse texto aborda uma proposição educativa integrante de uma disciplina do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), campus Umuarama. A disciplina Ciências e Mídias foi idealizada com a modificação do projeto pedagógico do curso, realizada em 2013, em observância às exigências do Conselho Nacional de Educação para atendimento às resoluções CNE/CP n. 1, de 18/02/2002, e CNE/CP n. 2, de 19/02/2002, às Diretrizes Curriculares Nacionais e aos Referenciais Curriculares Nacionais dos cursos de licenciatura.

Os docentes do Núcleo de Educação em Ciências e Biologia do Instituto de Biologia da UFU acreditavam que seria muito importante que uma disciplina pudesse articular os conteúdos de Ciências Naturais às vivências contemporâneas e às múltiplas formas de divulgação desse conhecimento nas mídias. Dessa forma, estruturamos a

proposta de Ciências e Mídias como uma disciplina obrigatória prevista no eixo articulador do projeto pedagógico que engloba outras três disciplinas: Profissão Biólogo, Biologia e Cultura e Educação e Sociedade.

Durante dois anos, entre 2011 e 2013, o currículo da licenciatura foi debatido com a comunidade acadêmica em reuniões com representantes do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e em assembleias abertas aos professores, técnicos e alunos. Algo que estava sendo colocado como fundamental nesse processo era a qualidade do curso e a integração dos conteúdos do Núcleo de Formação Específica relacionados aos componentes da área de conhecimento específico, a biologia, e o Núcleo de Formação Pedagógica.

Foi uma época de embates, pois as tensões entre as compreensões acerca do bacharelado e da licenciatura ficaram muito evidentes, desde o dimensionamento da carga horária total do curso até as suas disciplinas e ementas. Havia um discurso muito presente, principalmente por parte dos docentes que atuavam exclusivamente no curso de bacharelado e na pós-graduação, de que a formação básica do licenciando poderia ser diferente da do biólogo bacharel, pois o professor de Ciências e Biologia não precisaria fazer pesquisa, mas somente ensinar um determinado conteúdo. Nesse contexto, a proposição de uma disciplina que se propunha a debater a ciência que está nos diferentes veículos midiáticos, para além dos muros da universidade e das bancadas dos laboratórios, era uma ousadia. Uma ousadia porque estava em risco um princípio formativo muito caro para os docentes do Núcleo de Educação em Ciências e Biologia. Nós temos convicção de que o biólogo licenciado carece de uma formação básica sólida tal qual o bacharel, de uma formação centrada na pesquisa, pois somente com muito entendimento acerca dos procedimentos do fazer científico é possível questionar esses procedimentos, questionar a produção do conhecimento, ter noção da origem dos conceitos biológicos que estão no nosso cotidiano e que adentram os livros didáticos e chegam às salas de aula da educação básica.

Argumentamos enfaticamente em prol de um currículo da licenciatura equânime em termos de qualidade ao do bacharelado. Defendemos a inclusão de disciplinas que abordassem discussões sobre corpo e gênero, questões étnico-raciais, violência, consumo, tecnologias digitais e temáticas polêmicas e complexas que fazem parte do nosso cotidiano.

Após muitas conversas, votações e documentos elaborados, conseguimos aprovar a disciplina Ciências e Mídias com a proposta original mantida de carga horária

total de 60 horas, distribuída em quatro horários semanais consecutivos, e em 2013 a disciplina passou a integrar o projeto pedagógico do curso e a oferta ocorreu pela primeira vez em 2015. Nossa experiência nesse período, de forma concomitante à oferta de outra disciplina também nova no currículo - Biologia e Cultura - nos motivou à escrita de um artigo (GUIDO e CARVALHO, 2016).

Questionar os procedimentos do fazer científico sem desvalorizar a ciência, as mulheres e os homens que a produzem, e as instituições que propiciam essa produção, é um desafio imenso, mas ao mesmo tempo muito pertinente nos tempos que estamos vivendo. Dessa forma, passamos a estruturar proposições educativas que pudessem levar os estudantes a esse questionamento.

E foi nesse movimento que nos deparamos com a obra do artista Walmor Corrêa que cria seres inventados permeando história natural, anatomia, fisiologia e signos¹ da ciência.

Seres Inventados

Para um número especial da revista ComCiência², Susana Dias entrevistou Walmor Corrêa e ao lhe perguntar porque trabalhar com ciência, o artista responde que

“cientificamente é impossível o vôo do besouro. De acordo com o número de Reynolds - que faz a correlação do tamanho da asa com a viscosidade do ar, mais o cálculo de sustentação - o inseto jamais voaria e, no entanto, voa. Esse aspecto da ciência foi o que me levou a pensar até que ponto o saber abraça a enorme diversidade de fenômenos do mundo natural. Trabalho como um investigador cuja pesquisa mescla ferramentas do território científico, não para produzir mais ciência, mas para "renegociar" a própria ideia do que é, ou não, científico”.

Mais adiante, outra questão ao Walmor: que morte é essa que traz, desde dentro, uma aposta vitalista, que quer dar vida aos mitos brasileiros (Ondina, Curupira, Capelobo e Cachorra da Palmeira), aos heróis dos quadrinhos (Homem-aranha e Cheetah)? Walmor responde que “ao pensar essa descendente das sereias no Brasil,

¹ Fazemos alusão a signo em Foucault que assume o discurso “[...] constituído por um conjunto de seqüências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência” (FOUCAULT, 2008, p. 121-122). Em outro trecho, traz sobre a importância de “não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2008, p. 55).

² <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=37>

primeiro me veio à mente trabalhar no sentido de comprovar a existência desse animal que habita água e terra. (...) Em "*Memento mori*" (lembra-te que vais morrer) também não tenho como objetivo dialogar com a morte, mas, sim, com a possibilidade dela”.

Na obra *Memento Mori*, de 2007, Corrêa passa a realizar seus animais imaginários não apenas no desenho, mas como esqueletos tridimensionais. Ele apresenta pequenos esqueletos de pássaros montados a partir de ossos encontrados em laboratórios de biologia. Estes espécimes estão colocados dentro de campânulas que funcionam como caixas de música, nas quais dançam ininterruptamente. O trabalho inclui ainda um relógio cuco, que ao invés de apresentar o tradicional passarinho ao bater das horas, exhibe apenas seu esqueleto. Através de uma aparência pretensamente científica, Corrêa estabelece uma onírica reflexão sobre a morte e a passagem inefável do tempo, demonstrando os limites do ser humano (FORTES, 2014, p. 87).

O meu primeiro contato com o universo da arte aconteceu na escola, durante as aulas de Biologia. Como tinha, de um lado, muito carinho e curiosidade pelos animais e, de outro, desenhava tudo o que via e estudava em sala de aula, um professor de Ciências me convidou a ajudá-lo nas aulas de laboratório. Foi também esse professor que me apresentou o trabalho de Leonardo da Vinci, fazendo-me perceber, pela primeira vez, o desenho como manifestação artística. (...) Tal como acontece na natureza, minhas criações não respondem, mas existem; e, nessa existência, provocam o questionamento aos que estão dispostos (CORRÊA, 2012, p.4).

Carla Gavilan Carvalho, em entrevista a Walmor Corrêa, questiona: o trabalho que mais exemplifica essa sua pesquisa são os Atlas de Anatomia em que você ilustra como seria, de forma muito rica e detalhada inclusive, parte do funcionamento do organismo de alguns seres folclóricos como a Ondina, o Curupira, Capelobo e a Cachorra da Palmeira. Como foi a escolha de trabalhar com esses personagens?

Esse trabalho foi muito apaixonante. Antes dele eu já tinha desenvolvido alguns híbridos com a criação de pequenos insetos, que formaram minha caixa entomológica, em que eu apresentava minhas impressões sobre a natureza, assim como os questionamentos sobre a Teoria Evolucionista, frente as possibilidades de criação da arte. A partir daí fui dando vida aos seres que criei durante minha infância. Então foi uma série de trabalhos que apresentam essa perspectiva de híbridos, mas todos, claro, improváveis, fictícios (CARVALHO, 2010, p. 176).

Walmor Corrêa declara “eu sou um artista então meu propósito não é criar seres de verdade, de inventar outras formas de vida, de dar vida de laboratório aos meus seres artísticos, quem faz isso é a ciência, é o papel dela e não meu (CARVALHO, 2010, p. 182).

Para Andrade, Speglich e Romaguera (2008, p.2), Walmor procura o que comumente é denominado de “aberrações” pelas multiplicidades que elas podem

suscitar, desmoronar, instigar ao liberar o pensamento das comparações, das pedagogias morais, da possibilidade como limite.

A obra de Walmor é permeada por figuras híbridas, que ele trata com o rigor e o requinte das ilustrações que compõem os atlas de anatomia e os livros da assim chamada história natural. Seu trabalho é antecedido pela observação e pela pesquisa em diversas fontes científicas, como livros de anatomia, compêndios e manuais de zoologia, além de consultas a especialistas, e é através dessas pesquisas que ele busca imprimir veracidade aos seus seres imaginários (VENEROSO, 2016, p. 27).

Walmor Corrêa, em seus desenhos e aquarelas, nos proporciona um mundo imaginário dos sonhos, jogando com os olhos do espectador a ilusão de estarem num gabinete de curiosidades, compostos por seres coletados por viajantes descobridores de novos mundos. Assim, seus desenhos instigam entre a realidade e a ficção, apresentam a ficção como parte do real, pois a verdade compõe fragmentos de mentira para quem conta ou para quem acredita. Assim, esses trabalhos procuram convencer aos olhos de quem os vê sobre sua fidedignidade. E busca para isso, por meio da pesquisa exploratória e investigativa, acompanhar os objetos, tanto os desenhos quanto as esculturas, com teorias concretas e palpáveis, entretanto, apropriadas ao estudo (CARNEIRO e MAKOWIECKY, 2010, p.327).

O trabalho de Walmor Correa retoma as discussões entre os conceitos de natureza e cultura, realizando uma *tabula rasa* entre aquilo que é considerado cientificamente comprovado e explicável e aquilo que só é possível em nossa imaginação. O mundo imaginário não é colocado em segundo plano, mas, ao contrário, ocupa o ponto central do trabalho artístico e abarca instâncias que a ciência não consegue alcançar (FORTES, 2014, p. 88).

Andrade, Speglich e Romaguera (2008, p.4) trazem suas percepções sobre as produções de Walmor: Experimentar a produção de conhecimento pelo deslizamento nas superfícies das imagens. Manifestações criadas, pensadas, vistas e impressas em curupiras, iaras, preguiças gigantes nos anunciam embaçamentos entre categorias: o mundo dos seres fantásticos e dos seres verídicos dobrando-se e criando outras pregas de possibilidades para o existir, para o ver, para a ciência, para a arte.

E nessas dobras do improvável, a artista Maria Luiza Manzan da Silveira (2019) realiza um estudo acerca de seres imaginários a partir de escritores e artistas que circundam por esse universo, como J.K. Rowling, Jorge Luis Borges, Patricia Piccinini, Iris Compier e Abraham Maslow, para criar criaturas fantásticas que expressam necessidades sociais. Santos, Ribeiro e Carvalho (2020, p. 78) tangenciam possibilidades outras ao se colocarem em um movimento didático a partir do filme

“Animais Fantásticos e onde Habitam³” com estudantes do ensino médio, abordando o universo de Harry Potter, classificação dos seres vivos e zoologia a partir de seres inventados.

Em uma disciplina de estágio, do curso de Ciências Biológicas da UFU, estimulamos os estudantes a produzirem uma criatura: o bicho ave ouriço da família *Daniedae*, espécie *Aicula olhavrac* foi descoberto e descrito por licenciandos e foi o elo de questionamentos com alunos do ensino fundamental (GUIDO e CARVALHO, 2016, p. 137-138).

Outras pregas de possibilidades.

Seres Inventados e o ensino de ciências

Diálogos em aula

Na disciplina de Ciências e Mídias apresentamos a obra “Ondina” e um esqueleto de “Memento Mori⁴” de Walmor Corrêa, em uma aula sobre arte contemporânea e os questionamentos da ciência.

Ondina (*undina* em latim, de *unda*, onda) nomeia uma das pranchas do livro, fazendo referência a um ser híbrido, metade mulher, metade peixe - uma sereia. Na legenda consta que trata-se de um ser da Família dos Sirenídeos, proveniente de Vitória da Conquista, Estado da Bahia. Novamente o artista segue os protocolos das ilustrações científicas, numa busca de veracidade para suas figuras imaginárias (VENEROSO, 2016, p. 29).

Fortes (2014, p. 87) afirma que Walmor Correa desenvolve desenhos, pinturas e instalações nas quais representa seres imaginários, com detalhes anatômicos e indicações pseudo-científicas; e que retrata seres fantásticos oriundos do imaginário popular apresentando detalhes de sua formação biológica que são explanados através dos textos que acompanham os desenhos, o que lembra muito a linguagem visual das ilustrações científicas.

Walmor liga um híbrido encantador pelas formas a um texto igualmente ardiloso, recheado de palavras excêntricas, de construção falsamente científica e, de outro, trabalha com um desenho primoroso e com a formatação dos elementos no espaço da tela obedecendo aos padrões dos antigos compêndios de História Natural. Ou seja: há tanto uma emboscada constituída pelo conjunto figura-forma, como o artifício de verdade e de ciência proposto pela estrutura de apresentação; há tanto uma cristalina mentira no conteúdo, como o discurso legitimador no formato (RAMOS, 2007, P. 466).

³ <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-223940/>

⁴ <http://plajap.com.br/wp/walmor-correa-memento-mori/>

A imagem de Ondina fica exposta por alguns minutos até que provocamos os estudantes, querendo saber o que eles percebem na obra. Não demora muito para alguém falar que se trata de uma sereia, mas que há algo estranho, porque sereias não existem. Perguntamos: como não? Como você sabe que não existe? O Walmor está nos mostrando que existe. Como ele nos mostra que ela existe? Um ou outro estudante se aventura em responder: pelo desenho? Ele viu para desenhar... Questionamos: esse desenho está onde? O que ele nos apresenta? Uma prancha anatômica, professora? Sim... e para estar num atlas de anatomia, esse corpo tem que estar como? Para ser dissecado... e desenhado? Um estudante arrisca: morto? Isso! Morto! Ora... para estar morto, tinha que estar como antes? Em coro: vivo! Então... pronto! A sereia, morta, para estar no atlas tinha que estar como antes? Viva! Viram? Walmor nos comprova que a sereia existe! Alguém continua duvidando. Aí perguntamos: se você duvida que a sereia existe, mesmo com a confirmação do Walmor, como nos provaria que ela não existe? Porque o artista está nos afirmando que ela existe. Como faria para nos comprovar que ela não existe?

Ramos (2007, p.464) aponta que “ao referenciar o desenho de natureza taxonômica, o artista está, naturalmente, tomando para si o discurso de verdade que essa técnica de representação tem incorporado”. E é sobre essa verdade que questionamos os estudantes num diálogo intenso a partir da imagem. E assim a aula segue, em desafios.

Quando apresentamos a figura do esqueleto de um possível com a estrutura das asas ramificadas em pinças de caranguejo e contamos aos estudantes que o Walmor Corrêa encontrou esse espécime em uma de suas saídas a campo, há sempre olhares de desconfiança na sala. Perguntamos o que está gerando um certo desconforto. Um ou outro arrisca dizer sobre a impossibilidade dessa criatura existir porque não foi descrito pela ciência um organismo como aquele. Aí provocamos: sim, não tinha sido, mas o Walmor encontrou e preservou o esqueleto por técnicas de taxidermia. Vocês estão duvidando? Qual é o problema? Alguém fala que é porque nunca tinha escutado sobre um híbrido marreco-caranguejo. Questionamos: então porque você nunca tinha escutado não existe? Tem tantos organismos nas fossas abissais, há mais de 6.000 metros de profundidade que ninguém nunca viu e mesmo assim eles existem... Ahhh já sei. A desconfiança de vocês é porque somos nós que estamos apresentando esse novo ser. E se fosse a professora Celine⁵, com doutorado em Ornitologia, coordenadora do LORB⁶,

⁵ Profa. Dra. Celine de Melo <http://lattes.cnpq.br/8911760160895924>

⁶ <http://www.lorb.ib.ufu.br/>

chegando aqui com seu jaleco branco com a insígnia da UFU no bolso, e falando que tinham acabado de descobrir essa espécie nas veredas do cerrado mineiro, vocês iriam desconfiar também? O que vocês acham? A maior parte dos estudantes diz que não. E aí discutimos sobre autoridade do cientista, lugar de fala e o acesso aos signos da ciência.

Resenhas

Com a necessidade de transpor o conteúdo da disciplina para a modalidade remota, disponibilizamos no google sala de aula uma montagem com imagens da exposição “Memento Mori” e “Natureza Perversa” do Walmor Corrêa e solicitamos aos estudantes que produzissem uma resenha apontando como a arte contemporânea nos possibilita questionar a ciência, o método científico e as verdades ditas científicas? Com esse movimento registramos trechos de algumas resenhas.

Para alguns, o contato com obras de arte contemporânea foi uma experiência proporcionada somente nessa disciplina e em um curso de Ciências Biológicas, o que os levou à produção de sentidos a partir desse vivido.

Fazem entender que a ciência não necessariamente precisa estar dentro de espaços acadêmicos para ser realizada, que para atingir o público recorrer ao lúdico também é uma ferramenta, e as experiências e o desenvolvimento da criatividade também são formas válidas de metodologias.

A arte contemporânea traz essa proposta de perturbar o mundo e suas certezas sempre com um sentido por tras.

Vivemos em um país onde a cultura e arte, assim como a ciência nos dias de hoje, são muito desvalorizadas e desacreditadas, ditas como perda de tempo e as vezes até de dinheiro, o que consequentemente gera pessoas como eu, que não sabem como interpretar de forma coesa uma expressão artística.

Pensar a arte e a ciência como possibilidades de explicação/contemplação do mundo, sem certo ou errado, é algo abordado em Ciências em Mídias. Esse deslocamento de algo construído como prioritário, de se investigar fenômenos pelo método científico, se dá pela arte, uma vez que é possível compreender com a produção do Walmor Corrêa que diversos processos para a elaboração de uma obra também envolvem rigor, estudos e metodologias que tangenciam procedimentos científicos. E isso fica evidente em algumas resenhas.

Conforme o tempo avançou, adquirimos um amplo conhecimento técnico sobre traçados e ilustrações, o que pode ser visto nas representações científicas atuais, corroborando com a ideia de que, ciência e arte caminham juntas.

Tanto a arte contemporânea quanto a ciência possibilitam novas expectativas e compreensões através dos processos artísticos e investigativos.

A arte contemporânea e a ciência propõem questionamentos que nos levam a pensar, mostrando possibilidades e impossibilidades dentro dos seus campos específicos.

Ondina e o marreco-caranguejo desafiam o pensamento linear de que se não há comprovação científica, não podem existir. A partir dessas obras questionamos o quanto de fabulação há na própria ciência. Um exemplo é a reconstrução⁷ de um dinossauro emplumado carnívoro a partir do fóssil de uma garra de 5 cm descoberta em Peirópolis (MG). E o quanto a arte e a ciência se misturam para criar possibilidades. E o quanto ainda não temos de tecnologia para desvendar existências outras que nossos corpos humanos e os instrumentos que produzimos ainda não são capazes de detectar.

Observando a arte de Walmor Corrêa senti uma extrema nostalgia de quando eu jogava card games onde as imagens eram sempre animais com anatomias exageradas e alguns até contendo partes de outros animais. Esses jogos sempre me influenciaram a procurar livros de fantasia com essas temáticas pois sempre foi algo fascinante. A ideia de misturar animais diferentes para criar uma nova espécie fantástica e fazer um estudo anatômico sobre ela é algo que sempre vai ser possível através da arte e sempre nos faz questionar se não existem animais como esses por aí e nós ainda não descobrimos.

Consigo observar que ele, por meio de seus desenhos, desafia a anatomia e a morfologia, tanto humana quanto de animais, ao juntar figuras mitológicas/místicas (a sereia) e um animal real (o boto) com estudos de anatomia humana, mostrando uma espécie de estudo e como eles seriam caso existissem de verdade.

A disciplina provoca os estudantes a pensarem se a ciência realmente traz uma verdade absoluta e o quanto a ciência não pode ser questionada por quem não tem acesso aos signos que a constituem. Discutimos que nem os cientistas têm domínio de todos os signos da ciência e que muitas vezes o que é específico de uma determinada área, um pesquisador de outro campo não consegue questionar. E assim, para os não-cientistas fica muito mais difícil exercitar o questionamento daquilo que é divulgado como uma verdade científica. Algumas resenhas mencionam como as obras do Walmor Corrêa possibilitam um tangenciamento a essas verdades.

Consigo notar que ao elaborar um trabalho desse tipo ele está, talvez indiretamente, questionando todas as coisas como “Será que eles não existem mesmo?” ou “Olhem como é possível que eles existam com essas características” desafiando as “verdades científicas”.

7

O autor valida o método científico tentando remontar em suas obras características das descrições de pessoas do século 16, que nos dias de hoje seriam bizarras, porém demonstrando que, a ciência se constrói aos poucos, onde o conhecimento vai se dando de forma gradativa sendo melhorado e, contribuindo, portanto, para a validação do método científico.

Ao mesmo tempo que nos assustamos com tais ideias, é interessante observar. Tal exposição me fez refletir sobre como a ciência pode mudar e nada pode ser considerado verdade absoluta. Muitos desses mitos expostos por ele, há anos foram considerados como verdade pelas pessoas da época.

Ramos (2007, p. 468-469) coloca que Walmor optou por mostrar essas figuras estanques, sem vida, soltas no espaço e escalpeladas. Ao mapeá-las, ao expor as suas mais complexas estruturas fisiológicas assimiladas e compreendidas, ele estaria sustentando a condição de verdade para esses híbridos; estaria dando subsídios *científicos* para que o espectador possa acreditar na existência dos mesmos.

Estágio

Durante a disciplina de Estágio Supervisionado II do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, um grupo de licenciandos⁸ orientou alunos do sétimo ano numa feira de ciências de uma escola estadual no município de Uberlândia (MG).

A feira possuía tema livre o que nos levou a levantar a hipótese de vários temas, tema este que deveria ser interessante, investigativo e informativo com o intuito de despertar os interesses dos alunos do ensino fundamental para a ciência. Tendo como inspiração as discussões realizadas à época que cursaram a disciplina de Ciências e Mídias sobre os seres inventados e as possibilidades de questionamento da ciência, sugerimos que trabalhássemos com a comparação de animais reais e pokémons⁹ levando em conta sua anatomia. Dentre os pokémons escolhidos estavam: zubat um pokémon parecido com morcego; Eve um Pokémon parecido com uma raposa; Ekans um pokémons com parecido com um cobra; Octillery um pokémon polvo; e Raikou um pokémon tigre.

Para a confecção do trabalho foi necessária a realização de algumas atividades extraclasse na parte da tarde fora do horário de aula dos alunos que estudavam pela manhã. Solicitamos as autorizações, mas estávamos desesperançosos que os alunos fossem aparecer na parte da tarde. Para nossa surpresa muitos alunos compareceram e quase que o lanche que levamos não deu pra alimentar todo mundo. Nesses encontros

⁸ O primeiro autor deste trabalho integrou esse grupo e formulou esse relato.

⁹ <https://www.pokemon.com/br/pokedex/>

definimos como e com quais pokémons iríamos trabalhar. Combinamos que os pokémons seriam demonstrados através de papercraft, uma técnica que usa moldes feitos com papel para a confecção de personagens, com construção em biscuit, utilização de materiais recicláveis como garrafas e meias velhas e desenhos realizados em cartolina. A figura 1 mostra as produções dos alunos.



Figura 1: Pokémons confeccionados para a feira de ciências
(Fotografia: Jardel Oliveira Miranda)

Durante as tardes de trabalho também foi possível conversar com os alunos sobre suas realidades, sobre seus sonhos e principalmente mostrar que ciência é divertida. A construção dos pokémons envolveu habilidades motoras, artísticas e de observação anatômica, e levou os alunos a compreenderem que a ciência está no mundo pokémon.

Em entrevista, Walmor coloca que depois de pesquisar bastante o folclore

brasileiro e a cultura popular escolheu ícones do imaginário nacional e se perguntava “como seria o coração de uma mulher-peixe?”. Que queria muito ver isso, visualizar isso, ter uma noção de como a ciência e a medicina explicariam isso (CARVALHO, 2010, p. 178). Talvez ao construírem pokémons, o processo criativo possa vir a incentivar alunos e professores a esse desejo compartilhado com Walmor, de querer saber como explicar a anatomia, fisiologia e taxonomia desses seres.

Conclusão

Abordar a existência de seres inventados desencadeia questionamentos sobre a ciência, o fazer científico e as múltiplas facetas sociais, econômicas e políticas que perpassam a produção do conhecimento científico. Oportunizar que licenciandos produzam percepções e sentidos sobre esses questionamentos, a partir de obras de arte contemporânea, tem sido muito produtivo nas aulas da disciplina de Ciências e Mídias, o que foi evidenciado nas resenhas de estudantes. Criar, de forma conjunta com alunos do ensino fundamental, outras possibilidades de vida e perceber a ciência nesses seres talvez seja um ensinar ciências pelas brechas.

Referências

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; SPEGLICH, Érica; ROMAGUERA, Alda. Dispersões, distenções e(m) emoções: arte, ciência, ser-á? *ComCiência*, n.100, 2008, p.1-4
<http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300019&lng=e&nrm=iso>

BUCCHI, Massimiano; CORRÊA, Walmor; GOLOMBEK, Diego. Ciência, arte e comunicação. *ComCiência*, n.100, 2008, p.0-0
<http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300019&lng=e&nrm=iso>

CARNEIRO, Fernanda Maria Trentini; MAKOWIECKY, Sandra. Walmor Corrêa e Fritz Müller: cintilações entre o artista e o cientista. *19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”*. Cachoeira, 2010, p. 367-377.

CARVALHO, Carla Gavilan. Nem perfeita, nem recusável: simplesmente falha. A ciência a partir dos questionamentos da arte. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, v.3, n. 1, 2010, p. 173-183.

CORRÊA, Walmor. Ensaio Visual. *Visualidades*, v.9, n.1, 2012, p. 1-4.

FORTES, Hugo. Interações entre natureza e ciência na arte contemporânea.

Art&Sensorium – Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais da Unespar/Embap, v. 01, n. 2, 2014, p. 79-96.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONÇALVES, Maria Livia Conceição Marques Ramos. *A instalação Memento Mori de Walmor Corrêa como artefato de divulgação científica*. 2011. 90 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GUIDO, Lucia de Fatima Estevinho; CARVALHO, Daniela Franco. Biologias atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade. *Educação em Foco*, v. 21, n. 1, 2016, p. 155-139.

RAMOS, Paula. O Estranho Assimilado Processos Cartográficos na Poética de Walmor Corrêa. *16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas “Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais”*. Florianópolis, 2007, p.460-472.

SANTOS, Thaís Sanches; RIBEIRO, Nathália Cristina Gonzalez; CARVALHO, Helder Silva. “Animais fantásticos e onde habitam”: utilizando a cultura-pop no ensino de zoologia. *Arquivos do Mudi*, v. 24, n. 2, 2020, p. 78 – 83.

SILVEIRA, Maria Luiza Manzan da. *Estudos de criaturas fantásticas*. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação Em Artes Visuais. Monografia. 2019, 45p.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. “O encontro do imaginário no diálogo entre a obra Unheimlich de Walmor Corrêa e a Histoire naturelle de Buffon: uma aproximação entre arte e ciência.” *Revista Estúdio*, v.7, n.15, 2016, p.24-32.